

CINEMATECA PORTUGUESA—MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
A ESCOLA E A TERCEIRA GERAÇÃO
26 DE JULHO 2023

LONGE DAQUI / 1993

um filme de JOÃO GUERRA

Realização: João Guerra/ **Argumento:** João Guerra, Jorge Silva Melo / **Fotografia:** Vladymir Brilyakov / **Som:** Francisco Veloso / **Montagem:** Manuela Viegas / **Intérpretes:** Canto e Castro (Vitor), Filipe Cochofel (Manuel), António Pedro Figueiredo (Artur), Maysa Marta (Maria João), Manuela de Freitas (farmacêutica), Glicínia Quartin (D. Ângela), Aldina Duarte, Manuel Mozos, Rui Gomes, etc.

Produção: Madragoa Filmes / **Cópia:** 35mm, colorida, 97 minutos / **Estreia:** King, em 29 de Abril de 1994.

Longe Daqui é apresentado com **Tendresse**, de José Lã Correia (“folha” distribuída em separado).

1993 foi, em termos de produção, o melhor ano da década (e mesmo de outras), com 14 filmes feitos, e em termos de “qualidade” também não há grande razão de queixa: João Botelho e João Mário Grilo deram-nos dois dos seus mais sugestivos filmes (**Aqui na Terra** e **O Fim do Mundo**), Solveig Nordlund, o seu melhor (**Até Amanhã, Mário**), Jorge Silva Melo brindou-nos com **Coitado do Jorge**, e Oliveira, a sua obra-prima **Vale Abraão**, Fernando Lopes regressou também com um dos seus melhores trabalhos, **O Fio do Horizonte**, o que compensa de outros frustrados (e frustrantes) trabalhos de veteranos como Fernando Matos Silva (**Ao Sul**), António de Macedo (**Chá Forte Com Limão**), António da Cunha Telles (**Pandora**) e Eduardo Gêda (**Passagem Por Lisboa**), ou a desilusão que foi o novo filme de Joaquim Leitão, **Uma Vida Normal**.

Já no que diz respeito a estreantes é que o resultado não foi tão equilibrado: Jorge Marecos Duarte com **Encontros Imperfeitos**, João Guerra com **Longe Daqui** e Jorge António com **O Miradouro da Lua**. Se o conjunto dos filmes revela uma certa variedade e ecletismo, a verdade é que entre os estreantes se podem encontrar uma série de pontos em comum (mais entre os dois primeiros) e semelhanças de olhares (para além de defeitos idênticos que com frequência resultam de uma primeira obra, como um fraco domínio da narrativa), com as suas personagens vivendo uma espécie de vagabundagem que pode ser uma fuga ou uma busca, e que acabará sempre por um encontro inesperado com o passado recalçado (**Encontros Imperfeitos**), esquecido (**Longe Daqui**) ou ignorado (**Miradouro da Lua**).

Como os seus companheiros de estreia, **Longe Daqui** foi um "flop" na bilheteira, mas é, entre eles, o mais interessante. Construído em forma de "road movie", o filme de João Guerra falha principalmente por não ter conseguido dar uma maior consistência à narrativa e trabalhar (ao nível de argumento) as tensões entre as personagens, em especial as que se vão manifestando entre Manuel e Artur, os dois jovens que conduzem o Ford Fairlane para uma possível venda em Espanha, e (ao nível técnico na montagem) as acções paralelas de Manuel e Maria no carro, em busca dos outros, e de Artur e Vítor na motorizada em direcção ao norte e à morte.

O argumento é, em si mesmo, bastante interessante na medida em que assume sem ambições excessivas uma certa "filiação" no "thriller" clássico americano (ao contrário de **Encontros Imperfeitos** que, pretensiosamente se quer mostrar como um "sucédâneo" nacional do género). Aliás há duas circunstâncias na narrativa que o atestam de forma sugestiva. A primeira é o papel do "acaso" na acção: o carro fica sem gasolina perto de uma povoação, onde Artur irá encontrar (também por "acaso") a jovem Maria João. Este tipo de incidente é típico do filme "negro", o tal "acaso" que empurra o herói para o seu destino inevitável (é também uma falha de gasolina que faz Van Heflin parar na sua terra natal onde vai encontrar uma velha paixão e a tragédia, em **The Strange Love of Martha Ivers/O Estranho Amor de Martha Ivers**, de Lewis Milestone) A segunda circunstância, que dá origem à melhor sequência do filme, é a morte de Vítor (Canto e Castro) na motoreta, e o longo trabalho que Artur vai ter para o transportar até uma anta pré-histórica. Nesta sequência (a melhor do filme, como já disse) João Guerra consegue manter um clima que não é de suspense mas uma mistura de mal-estar e angústia, por onde passam influências de um clássico como Hitchcock e de outra mais moderno como Joel Coen com a famosa cena do cadáver em **Blood Simple/Sangue Por Sangue**. Tivesse João Guerra mantido o mesmo clima por boa parte do filme e o filme teria tido um maior equilíbrio narrativo e eficácia.

Aliás João Guerra mostra saber bem do seu trabalho (e é pena que não tivesse, até hoje, oportunidade de o confirmar), usando com parcimónia as inevitáveis referências cinéfilas (mas quando o faz, fá-lo bem, como nos planos da estrada iluminada pelos faróis do carro, que qualquer admirador de Fritz Lang e do seu discípulo Claude Chabrol conhece de cor e salteado), e a muito bem construída atmosfera nocturna, que domina o filme durante grande parte, envolvendo a viagem dos dois jovens e os incidentes de percurso (a taberna com o jovem fadista, a fuga ao camionista irado), até à referida manifestação do "acaso" que os faz parar perto de Nisa. Neste aspecto o realizador contou com a colaboração de um excelente director de fotografia, Vladymir Brilyakov (que foi o responsável pela de **Não Te Mexas, Morre e Ressuscita**, de Vitali Kanevski), que trabalha de forma notável as cambiantes da passagem do tempo, do negrume profundo da noite, ao clarear da aurora. É a partir deste momento, como se a luz ao dispersar os fantasmas da noite, viesse tirar a energia do filme, que este se desorienta, salvando-se, então, a referida sequência (excelente) da morte de Vítor.

Manuel Cintra Ferreira